



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA LUCIA JUVITO

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

ITAPORANGA - PB

2014

MARIA LUCIA JUVITO

**AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual de Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Alex da Silva

ITAPORANGA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

J88d Juvito, Maria Lúcia

As Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental
[manuscrito] : / Maria Lúcia Juvito. - 2013.
32 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2013.

"Orientação: Prof. Dr. Alex da Silva, Departamento de Pós
Graduação".

1.Dificuldade na aprendizagem. 2. Processo de
Aprendizagem. 3. Escola. I. Título.

21. ed. CDD 371.926

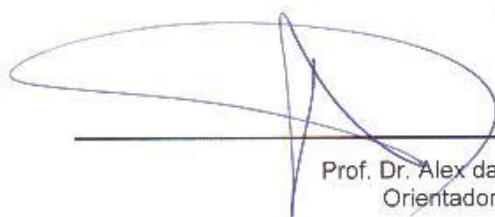
MARIA LUCIA JUVITO

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

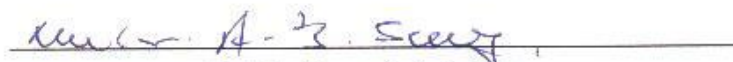
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento aos pré-requisitos para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 17/05/2014.

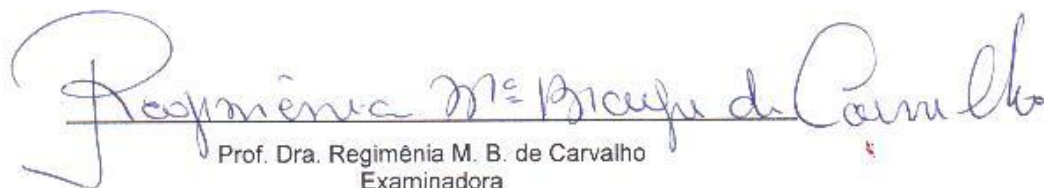
Banca Examinadora



Prof. Dr. Alex da Silva
Orientador



Prof. Dr. Marcos Antonio Barros
Examinador



Prof. Dra. Regimênia M. B. de Carvalho
Examinadora

A Deus, Mestre Divino que nos conduziu com graças e bênçãos ao final desse trajeto.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, o Todo Poderoso e merecedor de toda honra e toda glória, pois é o Princípio de tudo, se não fosse pela vontade Dele eu não estaria aqui.

Ao meu esposo Carlos que esteve e está sempre ao meu lado, me apoiando e me dando forças principalmente nos momentos de dificuldades para que eu não desistisse e parasse no meio caminho.

As minhas filhas Mayara, Maria Helena e Samara, que são o motivo de nunca desistir nos momentos de dificuldades, pois são a razão do meu viver.

A minha mãe Francisca, meu Pai Elias (*In memoriam*) que são a razão do meu existir, pois com muita luta e perseverança me deu o bem mais precioso que: a educação.

Ao meu orientador pela sabedoria, compreensão, respeito qualidades de um Verdadeiro Mestre. Obrigada.

Aos professores e colegas que fizeram parte desse momento muito importante e inesquecível.

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.

Para que serve a utopia?

Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar".

Eduardo Galeano

RESUMO

As dificuldades de aprendizagem têm repercutido nas discussões de âmbito educacional como sendo um dos mais agravantes problemas que a escola, enquanto espaço socializador de conhecimentos, tem enfrentado nos últimos tempos. Nesse contexto surge a presente pesquisa com o objetivo de analisar com mais clareza a questão da aprendizagem e o processo que implica nessas dificuldades, dimensionando a discussão em torno dos que estão inseridos nesse processo, como por exemplo, a família, a escola, professores e o próprio educando, que é a essência da construção do ensino aprendizagem. Foi utilizada como recursos metodológicos a revisão bibliográfica de autores que retratam esse processo, bem como a experiência de sala de aula no ensino fundamental para levantamento de questionamentos e diagnóstico do problema para subsidiar as discussões ora apresentadas. A pesquisa é considerada importante dada a necessidade do tema e vem implementar dentro das escolas de ensino fundamental medidas que podem diagnosticar e diferenciar as dificuldades de aprendizagem no cotidiano dos educandos, identificando as causas que determinam a aprendizagem ou não, compreendendo o ser humano e suas potencialidades e dificuldades.

PALAVRAS CHAVE: Dificuldade. Aprendizagem. Educando. Escola. Família.

ABSTRACT

Learning difficulties are reflected in discussions of educational field as being one of the most aggravating problems that school as socialization of knowledge, has faced in recent times. In this context, the present study aimed to examine the issue more clearly and the learning process that involves these difficulties , scaling the discussion around that are included in this process arises , such as the family, school , and the teachers own student , which is the essence of the construction of teaching and learning . The literature review by authors who portray this process as well as the experience of the classroom in elementary school to survey questions and diagnosis of problems to support the discussions presented herein was used as methodological resources. The research is considered important given the need to implement the theme and comes within the elementary schools measures that can diagnose and differentiate learning difficulties in the daily lives of students , identifying the causes that determine learning or not , including humans and their potentialities and difficulties .

KEYWORDS: Learning. Disabilities. Schooling. School. Family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 As Dificuldades de Aprendizagem no Ensino: Discutindo os Conceitos de Aprendizagem x Dificuldades	13
2.2 Dificuldades de Aprendizagem no Ensino: Função da Escola na Superação dos Problemas de Aprendizagem	18
2.3 A Família e as Dificuldades de Aprendizagem: Os Desafios e as Possibilidades no Acompanhamento do Processo de Aprender	21
3. METODOLOGIA	25
3.1 Pesquisa Bibliográfica.....	25
4. CONCLUSÃO	26
5. REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

Ao discutirmos sobre as dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental colocamos em evidência todos os papéis dos envolvidos nesse processo: a escola, a família, a sociedade e o próprio educando, sujeito de estudos e teorias que se coloca em todas as dimensões do processo de ensino aprendizagem.

Quando observamos os índices de reprovação, evasão, o próprio fracasso dos nossos educandos em momentos de avaliação, logo pensamos no que de fato estamos construindo nessa sociedade pós- moderna que rompe paradigmas e não estabelece elos com o que vivenciamos e estamos vivendo.

Num momento em que a educação desponta no centro das discussões, que são levadas em considerações experiências exitosas dentro e fora da escola, onde tanto se fala em educar para o exercício da cidadania nunca se viu com tanta clareza tantos índices que expressam verdades mascaradas, que demonstram como a escola, a sociedade e a família tem jogado com esse processo de aprendizagem.

É nesse contexto de discussão que a pesquisa surge para mostrar o que para nós é considerado dificuldades de aprendizagem. O que é para nós educadores esse termo e o que ele representa em nosso cotidiano? Sabemos que aprender é o resultado de um conjunto harmonioso onde estão envolvidos desde problemas neurológicos e demais especialidades que estão inseridos em quadros clínicos a simples desmotivação do educando num momento em que quase nada chama a atenção de crianças e adolescentes cada vez mais distantes da escola.

Se o ser humano, como defende Fonseca (2008) aprende de forma natural e espontânea por que estamos cercado cada vez mais de regras e impondo barreiras na construção de um saber significativo. Aprender com gosto, motivados pelo desejo de que a aprendizagem seja de fato refletida nas suas ações fora e dentro da escola.

Com base nesse pensamento a pesquisa bibliográfica tem como objetivo discutir a aprendizagem a partir das dificuldades expressas no cotidiano da sala de aula, pois a escola é sem dúvida, o espaço socializador desse processo. No entanto ao passo que conceituamos as dificuldades de aprendizagem estamos também focalizando outros segmentos colaboradores nesse processo, que é a família e o seu próprio meio social.

Utilizamos como procedimentos metodológicos os estudos e as referências bibliográficas para construir perfil das dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental.

Ao longo da pesquisa mantemos um diálogo com os segmentos escola, família e sociedade para compreendermos o papel de cada um dentro da perspectiva de aprendizagem. É o que vamos observando ao longo desse diálogo é uma troca de responsabilidades constantes que dificulta ainda mais a aprendizagem.

Ao discutirmos o papel da escola e sua função social estamos fazendo uma análise da escola que temos em pleno século XXI e como ela caminha rumo a superação de seus problemas.

Ao longo da pesquisa vamos situando o papel de cada um nesse processo, entendendo a dimensão do problema, construindo um diálogo de possibilidades, não de apontamento de falhas mas de verdades que muitas vezes estão mascaradas e que precisam ser colocadas em evidência para que o problema não ganhe proporções maiores.

Para melhor compreendermos o presente trabalho sobre As Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental tratamos o tema à partir da construção de conceitos sobre aprendizagem e dificuldades, logo em seguida abordamos o papel da escola e finalizamos enfatizando o papel da família, sendo distribuído da seguinte forma: no Capítulo I 41-, As Dificuldades de Aprendizagem no Ensino: Discutindo os Conceitos de Aprendizagem versus Dificuldades, onde apresentamos uma discussão teórica dos termos aprendizagem e seu processo de aquisição e dificuldades para compreendermos as raízes dessa temática que aflige a educação nos dias atuais; No capítulo II tratamos das Dificuldades de Aprendizagem no Ensino: Função da Escola na Superação dos Problemas de Aprendizagem onde estamos abordamos uma reflexão sobre como a escola retrata o problema e enquanto, espaço socializador de conhecimento e como dinamiza práticas para melhorar a qualidade da aprendizagem e no Capítulo III, trazemos a questão da Família e as Dificuldades de Aprendizagem: Os Desafios e as Possibilidades no Acompanhamento do Processo de Aprender, onde discutimos a questão do acompanhamento familiar na relação com a aprendizagem e os desafios dessa acompanhamento no cotidiano da sala de aula e as possibilidades de uma integração motivadora, dinâmica e contínua.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As Dificuldades de Aprendizagem no Ensino: Discutindo os Conceitos Aprendizagem x Dificuldades

As dificuldades de aprendizagem permeiam o campo das discussões educacionais especificamente nas questões relacionadas ao ensino aprendizagem, resultando no fracasso escolar reflexos do cotidiano de uma aprendizagem que não se edifica por vários fatores que envolvem o indivíduo inserido nesse processo.

Ao discutirmos a temática vale salientar a necessidade de se trabalhar com os conceitos sobre o que é de fato considerado como uma dificuldade de aprendizagem no ensino seguindo as linhas que apontam para uma deficiência de aprender, assimilar e aplicar o que se aprendeu em situações reais.

Brandão & Vieira (1992), fazem referência ao termo aprendizagem abrangendo as dificuldades implícitas nesse processo como sendo esta uma falha na assimilação da aprendizagem da criança de forma que observamos e constatamos essa realidade quando passamos a compará-la com crianças com características iguais a ela. Partindo de um pressuposto de que quando comparamos os níveis de aprendizagem de crianças da mesma faixa etária, com condições neuropsicológicas de aprendizagem, socialização e mediação de conhecimentos necessários e isso, por ventura não ocorre, acredita-se que pode haver uma dificuldade ou distúrbio de aprendizagem.

Ao pensar em dificuldade de aprendizagem, o Comitê Nacional de Dificuldades (EUA, 1997, 41-42), instituiu a seguinte definição para o mesmo:

Dificuldade de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, da fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas desordens são intrínsecas ao sujeito, presumidamente, devido a uma disfunção do sistema nervoso central (...).

A definição acima nos leva a construir uma visão de que se a dificuldade consiste num elemento intrínseco da natureza do homem, e se manifesta por um conjunto de elementos visíveis, logo se observa que essa disfunção é produzida por um distúrbio.

Se a criança está inserida num ambiente homogêneo que lhe apresenta possibilidades de aprendizagem e isso não ocorre logo, entende-se que há algum problema que afeta o indivíduo partindo do seu mundo exterior ou interior.

Collares & Moyses (1993) fazem uma análise epistemológica acerca do conceito acima defendido e acrescentam que o distúrbio é uma anormalidade patológica, em nível individual e orgânico, produzido pelo seu interior e que afeta a sua relação de aprendizagem de modo que lhe impossibilita aprender da mesma forma que os demais.

Porém Scoz (1994) afirma que não é necessário que indivíduos em classes heterogêneas aprendam pelo mesmo método de ensino que os outros, considerando assim as particularidades do sujeito que está em processo de aprendizagem.

Essa discussão de Scoz (*ibidem*) põe em evidência a questão dos métodos de ensino utilizados no processo de aprendizagem, o que gera um novo eixo de discussão tendencioso a separação do termo distúrbio e dificuldades, uma vez que o que caracteriza o distúrbio é uma deficiência pautada em problematização do sistema nervoso, o que impede que o educando aprenda; já a própria dificuldade de aprendizagem, vista com frequência no meio escolar, pode ser o resultado de um conjunto de fatores que vão desde desmotivação, falta de apoio da família, ausência de uma metodologia planejada e aplicada entendendo o contexto social em que estão inseridos os que apresentam defasagem na aprendizagem.

Na visão de Miranda (2000, p.56) o termo deficiência da aprendizagem não apresenta uma ligação com retardo mental, na sua visão “muitas crianças com dificuldades de aprendizagem tem inteligência média ou acima da média, algumas são de fato brilhante”.

A luz desse pensamento observou então que as linhas de pesquisa em torno da aprendizagem e seus problemas são diversificados, abrindo um viés de uma discussão que engloba desde escola até o ser humano que estamos recebendo em nossas salas de aula com limitações, particularidades, numa gama de diversidades em salas cada vez, mas homogêneas. Isso exige de nós, enquanto educadores, um olhar mais claro em relação aos nossos educandos, compreendendo o que podemos fazer para melhorar a sua aprendizagem e o que de fato precisa ser direcionado para um atendimento específico.

Os estudos de Piaget (1998) e Vygotsky (1974) vieram a contribuir de modo significativo para a compreensão do termo “dificuldade de aprendizagem”. Partindo do pressuposto que a criança aprende a partir de um desenvolvimento intelectual de estruturas dependentes de sua relação com o meio em que ela está inserida, Piaget defendeu que o processo de aprendizagem ocorre através do processo de assimilação, acomodação e equilíbrio, sendo esta última responsável pelo desenvolvimento intelectual, considerando o processo biológico e social da indivíduo e não apenas de maturação. Segundo ele, (1998, 117)

(...) a aprendizagem não se confunde necessariamente com o desenvolvimento, e que, mesmo da hipótese segundo a qual as estruturas lógicas não resultam da maturação de mecanismos inatos somente, o problema subsiste em estabelecer se sua formação se reduz a uma aprendizagem propriamente dita ou depende de processos de significação ultrapassando o quadro do que designamos habitualmente sob este nome.

No viés do pensamento de Vygotsky (COLOCAR REFERENCIA AQUI), “O processo de ensino-aprendizagem inclui sempre aquele que aprende aquele que ensina e a relação entre essas pessoas”. Com base nessa teoria analisamos que o processo de aprendizagem existe uma relação importante entre a aprendizagem e as relações que se estabelecem com o meio. Se ora compreendemos a aprendizagem como um elemento recíproco bilateral que ocorre num estágio entre um sujeito e um objeto num ambiente de relações contínua, entendemos que esse processo não depende unicamente a natureza humana, mas de um conjunto harmonioso e equilibrado entre os seus sujeitos.

Ainda sob a luz da teoria de Piaget (1974) e Grecco (1956), a aprendizagem é o resultado das experiências do meio em processos estritos e amplos resultados das suas relações e interação com o ambiente em que está inserido. Para eles a aprendizagem atende uma sequência e um estágio onde só é possível aprender obedecendo a essa sequência. Se por ventura o indivíduo passando por esses estágios atendendo a essas estruturas e apresentam dificuldades logo se compreende que este processo não foi concluído com êxito.

À luz do pensamento teórico, a análise para a compreensão do processo de aprendizagem e conseqüentemente os problemas que estão refletidos nesse processo logo passamos a compreender que as dificuldades de aprendizagem podem estar associadas não somente a natureza humana, enquanto ser individual constituído biologicamente de estágios de desenvolvimento semelhantes, porém imbuídos de particularidades próprias, como também

estas dificuldades estão correlacionadas ao meio de vivência cotidiana dos envolvidos nesse processo.

Esse pensamento aperfeiçoa a discussão em torno dos métodos. Crianças aprende aquilo que é atrativo, interessante construindo elo com o seu cotidiano. Se a escola e o próprio sistema não consegue lidar com esse sujeito histórico, valorizando seu processo de aquisição de conhecimentos pode enaltecer ainda mais as estatísticas de defasagem da aprendizagem.

Quando construirmos a ideia de que aprender é um ato dinâmico que envolve questões complexas desde gosto de aprender ao relacionamento que se tem dentro e fora da escola, entendemos que as dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental podem estar associadas ao contexto da sala de aula.

Temos acompanhado cada vez mais que os educandos egressos do fundamental, na sua maioria, chegam ao Ensino Médio com profundas dificuldades de ler, escrever, produzir com coesão, clareza, sem habilidades para raciocínio lógico, com evidentes problemas associados a aprendizagem.

O aprender é um ato natural do ser humano. Apenas não aprendem aqueles que apresentam distúrbios de aprendizagem considerados casos clínicos. Desta forma aqueles que não aprendem e que não estão inseridos dentro dessa conjectura logo vamos interpretar como sendo um problema da escola, da família, do próprio aluno e da metodologia em que ele se defronta no seu cotidiano.

Ao delegarmos a escola essa função de cultivar a aprendizagem respeitando as potencialidades e as individualidades do educando, não estamos eximindo a responsabilidade dos outros segmentos envolvidos no processo, estamos enfatizando o papel da escola, espaço socializador do conhecimento, e sua proposta de aprendizagem no cotidiano desses alunos. Muitas vezes a escola não possui condições estruturais para qualificar o ensino aprendizagem. Essas estruturas vão desde condições físicas ao material pedagógico que ela possui e principalmente os seus recursos humanos.

É importante que ao analisarmos as dificuldades de aprendizagem dos nossos alunos entendamos primeiro o processo de aprendizagem que se dá também na sua base familiar. Alunos que são acompanhados pelos pais/responsáveis possuem um nível de aprendizagem melhor, pois em consonância com a escola os pais exercem seu papel de colaborador.

O educando por sua vez é a peça fundamental da aprendizagem. Para ele são planejadas e construídas ações que amplie as suas possibilidades no ato de aprender, assimilar e construir sua identidade. No entanto o que mais temos visto são alunos desmotivados sem perspectivas para esse aprender, resultando no fracasso escolar e conseqüentemente aumentando os desníveis existentes nesse processo. O que tem faltado na escola, na sala de aula, na família que implica na aprendizagem? Essa incógnita tem gerado muitas discussões em todos os campos, principalmente quando a criança não apresenta distúrbios considerados clínicos.

As crianças que não aprendem e não estão inseridos no perfil clínico, podem estar desmotivadas, com problemas emocionais, estão em situações vulneráveis ou apenas não sentem gosto pelo aquilo que fazem no cotidiano da sala de aula, pois entendemos a aprendizagem a partir da visão de Fonseca (2008, p. 13), quando ressalta a naturalidade com que o ser humano aprende

[...] o ser humano que desde muito cedo aprende a mamar, falar, andar, pensar, garantindo assim, a sua sobrevivência. Com aproximadamente três anos, as crianças são capazes de construir as primeiras hipóteses e já começam a questionar sobre a existência. A aprendizagem escolar também é considerada um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental, na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios estão envolvidos e onde a criança deve sentir o prazer em aprender.

Construir o perfil desses educandos com base na compreensão teórica de que todos, com algumas exceções, são capazes de aprender, é levar em consideração elementos gerais, numa visão holística de que aprender é parte natural e espontânea do ser humano, e que o conhecimento não pode ser fragmentado, mas ser construído a partir da ideia do ser humano como um todo.

Dessa forma, o que muitas vezes estamos colocando em patamares importantes para nossos educando aprenderem, não são necessariamente aquilo que eles desejam ou sonham para eles. É preciso redescobrir o que de fato causa prazer, atenção e motiva o educando na sua aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem passam então a ser discutida considerando todos os parâmetros que envolve este processo. Os índices de reprovação, evasão, e o próprio fracasso escolar resultado da dificuldade de aprendizagem pode ser diminuídas a partir de uma análise conjuntural que englobe o ambiente escolar e social do educando.

Pensar as dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental é romper com os velhos paradigmas que envolve a temática para construir um novo olhar identificador das causas desse processo a partir do conhecimento teórico e prático que ora se formaliza na escola.

2.2 As Dificuldades de Aprendizagem no Ensino: A Função da Escola na Escola na Superação dos Problemas de Aprendizagem.

Entende-se que a escola seja o espaço de construção e socialização dos saberes dos que nela estão inseridos. Dessa forma a sua influência na construção de uma aprendizagem significativa que resulte em êxito escolar e na formação intelectual necessária para o pleno desenvolvimento da educação é imprescindível.

Porém, a luz do pensamento de Scoz (2002) a nossa realidade educacional não produziu, com efeito, políticas de melhoria da qualidade da educação e superação das dificuldades de aprendizagem. A escola brasileira ainda não conseguiu romper as estruturas paradigmáticas que a sustentam afetadas por vários problemas cruciais referentes ao desempenho do educando e a expansão do ensino de qualidade com redução visível dos problemas imbuídos no sistema.

Diante dessa visão Scoz (*ibidem*) problematiza: “seria necessário que os educadores adquirissem conhecimentos que lhes possibilitem compreender sua prática e os meios necessários para suscitar o progresso e sucesso dos alunos”. A sua expressão demonstra a insatisfação com a metodologia da escola e dos educadores, acreditando não estar apenas relacionado com as questões neurobiológicas do ser humano a questão das dificuldades de aprendizagem, porém compreendendo o ser dentro de um complexo influenciados profundamente pelas relações sociais e a interação desses com o seu meio.

Scoz, (*idem*, p.22) enfatiza para melhor compreensão que:

Não há apenas uma única causa para os problemas de aprendizagem [...] é preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos e efetivos.

Com base em Scoz podemos observar que os problemas de aprendizagem não são isolados, eles ocorrem em consonância com uma série de fatores ligados ao cotidiano. Desta forma as dificuldades de aprendizagem não podem ser compreendidas sem antes compreendermos a sua dimensão

As dificuldades de aprendizagem ganham espaços dimensionais na discussão para encontrarmos quem de fato é o culpado pelo fato do educando não aprender. A escola, às vezes joga a responsabilidade para a família não se dando conta de que o problema pode estar próximo a ela mesmo, como afirma Fonseca (2008, p. 16):

Sempre há uma desculpa dos fatores que levam o aluno a ter dificuldades. Preguiça, lentidão ou apenas falta de atenção ou de interesse são algumas delas, que muitas das vezes são usadas pelos educadores como forma de tirar de suas costas a responsabilidade, no entanto, essas desculpas tendem a contribuir para o agravamento dessas dificuldades, deixando o aluno cada vez mais desmotivado a aprender.

Essa desmotivação nos leva a uma reflexão sobre o que é a escola hoje e o que ela representa para adolescentes e jovens. Constantemente nos deparamos com uma nostalgia da escola de antigamente. Tempos de “respeito”, “aprendizagem”, “de vontade de aprender”. Mas o tempo muda, o homem em processo de mudanças rompe os paradigmas preestabelecidos, fazendo surgir uma nova visão de aprendizagem e de vontade de aprender.

A escola é um espaço vivo e dinâmico que integra pessoas, interage, produz e faz se reproduzir em todos os momentos do cotidiano da aprendizagem. E esse espaço mutável também acompanha os anseios de sua clientela; também deve ter uma proposta coesa de aprendizagem e não que ela ocorra de maneira forçada, oprimida entre os educandos.

Na visão de Marques (2001, p.27) “a escola e a educação em geral, embora não sendo uma panacéia, podem contribuir para ajudar os jovens a encontrarem os caminhos para a vida digna e para a felicidade“.

É este estado de felicidade que a escola não consegue atender. A proposta de educar não esta sendo construída para motivar , mas apenas para desenvolver conteúdos mecânicos em crianças e jovens cada vez mas envolvidos com a tecnologia, com a informação, com situações cotidianas que não conseguimos encontrar nos espaços escolares.

Libaneo (1998, p. 67) complementa essa visão de uma proposta integradora onde o currículo não sirva apenas para aprender regras e memorizar fatos e atos de um passado distante.

É preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença,- o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas.

A questão que nos fundamenta mediante a função social da escola é como ela, a escola tem construído uma proposta que coloque as dificuldades de aprendizagem como uma das prioridades para melhorar a qualidade do ensino e não apenas reforce esse pensamento de mudança quando anualmente recebemos os quadros de aprovação e reprovação.

Quando colocamos essa ausência de uma proposta que evidencie que na escola os problemas de aprendizagem são constantes e que eles repercutem com uma consequência maior na progressão do educando não estamos retirando responsabilidades que devem ser comungadas com todos os que fazem a educação acontecer.

A escola precisa desenvolver mecanismos para trabalhar melhor o seu modelo de ensino aprendizagem, pois estando ela na instância de colaboradora, sistematizadora de saberes, deve oferecer condições amplas para a aprendizagem, não apenas a aprendizagem disciplinar, conteudista, porém, uma aprendizagem que contemple uma formação completa para inserção do ser humano na sociedade.

Fazer uma relação do ser que está inserido na escola com o seu mundo real trazendo para o cotidiano da escola as suas vivências e suas necessidades, pois a aprendizagem precisa relacionar sujeito e mundo. Afirma Chizzotti (1998, p.79):

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado. Objetivo não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Redefinir o papel da escola é fundamental para ampliar as possibilidades de aprendizagem significativas de modo que os educandos não estejam fora de sua realidade, do seu objeto, das relações que se mantem nesse processo.

As dificuldades de aprendizagem no ensino foram gerando um ciclo marcado por acusações mútuas dos envolvidos no sistema. De um lado a escola, do outra família, a sociedade e o próprio educando. Para Furtado (2007, p. 37)

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem. E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola.

Todos os dias a nossa situação real se fortalece na visão de Furtado. Temos definido o problema, o caracterizamos, porém ainda estamos construindo a visão da fragmentação das responsabilidades. Família de lado, escola do outro, sociedade e o próprio educando construindo suas visões de como esse problema afeta demasiadamente o cotidiano da educação.

A sociedade busca uma escola de qualidade com possibilidades de correção dos problemas educacionais onde a aprendizagem seja um elemento que ocorre espontaneamente, e que de fato ocorra, respeitando as condições para esse processo e o sujeito parte essencial dele. Mas o que de fato consideramos como escola de qualidade? Na visão de Gomes (2006, p. 134) a escola de qualidade:

A esperada escola de qualidade incide em posicionamentos políticos, institucionais e pessoais mais democráticos e exige cada vez mais que as instituições escolares sejam capazes de se especializarem nos estilos de aprendizagem de todos os alunos.

A escola precisa atender esse perfil para compreender que a aprendizagem não é homogênea, conteudista e exclusiva. Ela ocorre de forma individual atendendo as funções biológicas, neurológicas sociais do educando.

Nessa concepção, a escola precisa romper os paradigmas que a cercam, se envolver com outro de forma humana e intelectual dispensando estudos, diagnósticos, planejando ações em consonância com todos os que estão envolvidos no processo de qualidade da educação.

O papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem vai além da melhoria das suas praticas metodológicas, pois ela precisa ser repensada na sua função, no seu papel e na forma como ela desenvolve esse papel.

2.3. A Família e as Dificuldades de Aprendizagem: Os Desafios e Possibilidades no Acompanhamento do Processo de Aprender.

A escola, juntamente com sua equipe não pode se isolar no seu processo de aprendizagem precisa contar com o apoio da família, a primeira base social do indivíduo e responsável pela educação. Conforme a Constituição Federal Art. 205 (BRASIL, 1998, p.56):

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A lei máxima responsabiliza a família dando a ela a responsabilidade de educar não somente no processo de formação inicial da criança, mas em seu processo de aprendizagem contínuo que o levará a exercer atividades profissionais e construir um perfil de cidadão numa sociedade cada vez mais exigente.

Mas a família dos tempos pós-modernos delegou a escola a responsabilidade dessa formação acreditando ser de suma responsabilidade da instituição formar de maneira conteudista os que nela estão inseridos. Isso também é consequência de um tempo pós-moderno onde as famílias dedicadas ao trabalho e as necessidades básicas do cotidiano colocam os filhos na escola para que a mesma venha a ser responsável por esse processo.

Na visão de Santos (2009, p. 24), o fato da família delegar esse papel a escola pode ser explicado da seguinte forma:

Com os avanços do modo capitalista de produção, a divisão social do trabalho atingiu seu ponto mais alto e produziu consequências nos lares, principalmente na redução significativa a relevância do agrupamento familiar, assim que as pessoas ganharam importância no espaço exterior a casa. A educação deixou de ser responsabilidade dos pais e passou a ser de responsabilidade dos poderes públicos constituídos. Percebia-se que os conhecimentos relativos à educação tornavam-se cada vez mais especializados e sofisticados. A família não podia educar pelo fato de que a educação ter se tornado assunto do Estado e por não serem tão capazes quanto os professores, imbuídos que eram dos saberes científico.

E difícil para a escola e o segmentos educacionais compreenderem que existam situações em que se delega a responsabilidade de aprender a escolar assim como o fracasso

também, por que ainda não se conseguiu definir os papéis e dividir as partes iguais para todos. Bem como, a luz da verdade, existem famílias que não compreendem o teor científico da escola, e por isso encontram dificuldades de acompanhar os filhos nesse processo.

É preciso que a escola e a sociedade defenda o papel da família, o que de fato é essa instituição num mundo de mercado de trabalho que consome o tempo e os espaços das pessoas, e convoquem a família ao seu papel. E que a família possa se compreender dentro do universo educacional sem temer ao cientificismo, aos entraves, aos obstáculos que emerge entre família e escola.

Na visão de Prado (1981, p. 12):

A família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresenta até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja.

Essa importância de instituição social é compreendida no meio educacional e na própria escola quando a mesma admite a necessidade da família na escola, de um acompanhamento no processo de aprendizagem mais eficaz para que em consonância com a proposta escolar as duas instituições implementem ações para ampliar as expectativas de aprendizagem.

A família é sem dúvidas uma grande colaboradora no processo de aprendizagem, sendo responsável na construção desse processo junto a escola. A sua postura em relação à escola pode contribuir efetivamente para a aprendizagem do educando. Filhos de pais ou responsáveis que participam do processo de aprendizagem, possuem resultados melhores, pois o acompanhamento e a motivação são elementos importantes no combate a dificuldade de aprendizagem.

Os laços, no entanto, que se mantêm entre a família e a escola, não são profundos a ponto de alguns mais complexos se romperem, separando de um lado famílias que vivem para o mercado de trabalho e escola que delegam as famílias o fracasso do educando. E em meio a tudo isto está o indivíduo, sujeito da construção do conhecimento, no entanto desorientada para essa barreira criada pela escola e pela família.

Gadotti (1994, p. 02) constrói essa importância da família para a aprendizagem do aluno, enfatizando a necessidade de uma relação harmonioso que fortaleça os vínculos de aprendizagem.

O aluno aprende apenas quando ele se torna sujeito da sua aprendizagem. E para ele torna-se sujeito da sua aprendizagem ele precisa participar das decisões que dizem respeito ao projeto da escola que faz parte também do projeto de sua vida.

Quando o projeto de vida que surge no seio da instituição familiar tem ênfase no cotidiano da escola os educandos começam a encontrar a relação do pensamento escolar com o pensamento familiar e então vai compreender que a família e a escola são os responsáveis pela sua formação e aprendizado.

É preciso que se trabalhe com parceria formando elos para que os alunos sintam essa proximidade. Quando o educando compreende que sua família vem a escola com objetivo não de castigá-lo mas de procurar junto a escola, ao corpo docente, juntos aos coordenadores soluções para as dificuldades de aprendizagem, logo ele sente mais seguro pois sabe que família e escola comungam da mesma linguagem.

Quantas vezes a escola ao convocar os pais para entrega dos boletins com as notas bimestrais é fortemente atacada por eles, que se o conceito/nota for alto é o resultado do trabalho em conjunto, porém se forem conceitos baixos o problema está na escola.

Vários pais passam o ano inteiro fazendo permutas dos filhos para escola A, B, C pois acreditam que a falha está no professor, na escola e que se o educando não aprendem é por que a escola não possui um proposta coerente.

No entanto se analisarmos o perfil desses pais veremos que muitos deles não compareceram a escola nem ao menos no ato da matrícula, e que em reuniões e planejamentos não tiveram interesse de conhecer a proposta da escola.

É preciso que os pais estejam sempre em harmonia na escola para poder informar a escola possíveis problemas que eventualmente atrapalhem a aprendizagem, pois se a escola encontra esse apoio fica mais fácil detectar o que é um problema clínico ou apenas uma falta de incentivo, motivação, a inovação de uma proposta pedagógica que supra a necessidade daquele educando de aprender.

A aprendizagem é o resultado constante de um processo integrador onde cada um possui uma responsabilidade para melhorar a qualidade do ensino com uma aprendizagem significativa, ampla que considera todos em suas peculiaridades, entendendo que somente e possível educar quando os objetivos são comuns e todos cooperam pelos resultados.

3. METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica serve de base como um trabalho em si mesmo ou etapa na elaboração de monografias, dissertações, entre outros trabalhos científicos (ANDRE, 1997). É um elo entre o pesquisador e seu objeto de estudo, e aguça a curiosidade leitora numa compreensão de estudos e teorias apresentadas ora em momentos, contextos e realidades diferentes para a melhor compreensão do tema abordado pelo trabalho científico. Na visão de Lakatos (1992, p. 44), “(...) pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica”.

Sou, por meu gosto pesquisador. Experimento toda a sede de conhecer e a ávida inquietude de progredir, do mesmo modo que a satisfação que toda aquisição proporciona. (KANT, 1975)

Ao expressar seu gosto pela pesquisa Kant (1975) também imprime esse desejo de progredir naquilo que desejamos conhecer, por isso a pesquisa bibliográfica é um importante procedimento metodológico, pois serve de base para a sustentação do que defendemos.

Iniciamos o nosso processo de estudo delimitando o tema e buscando bibliografias que pudessem auxiliar nas discussões presentes. Encontramos referenciais como Piaget (1998), Scoz (1994), Vygostky (1974), Fonseca (2008), Prado (1981), entre outros que tratavam o tema com propriedade a partir de estudos e teorias defendidas. Após o levantamento bibliográfico, fizemos fichamento das obras referenciadas no trabalho, resumos e análise crítica para situar as citações dentro da pesquisa.

Após as etapas construímos o presente trabalho com o objetivo de discutir as dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental numa perspectiva de contribuir para uma proposta eficaz para que escolas, comunidade e o próprio sistema consigam melhorar a qualidade do ensino aprendizagem.

4. CONCLUSÃO

As dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental podem estar associadas a várias questões sejam elas de caráter clínico ou meramente motivadoras, para isso é preciso que a escola em parceria constante aperfeiçoe seu diagnóstico para que se corrija o problema antes de consequências maiores.

Quando falamos em dificuldades de aprendizagem logo precisamos entender como se caracteriza e como se reflete no cotidiano da sala de aula, espaço socializador do conhecimento. Esse problema discutido em todas as instâncias da educação pode ser caracterizado como um problema clínico, distúrbio neurológicos, problemas como dislexia entre outros e pode ser resultado da ausência de um currículo que priorize o educando e o faça sentir parte desse processo de aprendizagem.

Envolvemos nessa temática a função social da escola como um elemento importante para as discussões, pois compreendemos que a escola ainda não conseguiu encontrar uma proposta que amplie as possibilidades de uma aprendizagem significativa, sendo muitas vezes penalizadas em debates constantes sobre o fracasso do educando em meio a tantas mudanças que ocorrem na educação.

Compreendemos que a escola não caminha sozinha nesse processo e que muitas vezes ela convoca a sociedade a traçar metas para implementar ações para corrigir as dificuldades de aprendizagem, no entanto, não é compreendida, não é prestigiada.

De um lado escola, do outro, família que busca resultados, muitas vezes sem nem compreender o processo pelo o qual o educando passa. Cada vez mais família exige da escola numa relação onde a recíproca é insuficiente. O êxito escolar não depende apenas da instituição formadora e sua equipe mas da parceria que se estabelece com ela. No entanto a família ainda anda distante desse pensamento contribuindo ainda mais para as dificuldades de aprendizagem. Criança/adolescente sem uma identidade de acompanhamento do seu processo de formação educacional não consegue obter êxito e o reflexo pode estar no fracasso escolar.

É preciso que haja uma integração para identificar, tratar e corrigir as dificuldades de aprendizagem ao passo que os objetivos sejam comuns a todos, numa relação de interesses recíprocos

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D.A. de. **Tendências atuais da pesquisa na escola**. Cadernos Cedes, v. 18, n. 43, Campinas, 1997

BRANDÃO, A.; VIEIRA, C. **Definições e Indefinições da Aprendizagem**. São Paulo: Summus, 1992.

BRASIL, **Constituição Federal**: República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1998.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

COLLARES, R. A; MOISES, M. A. A. **A História não contada dos Distúrbios de Aprendizagem**. Cadernos CIDR nº 28, Campinas, Papirus,1993.

FONSECA, J. F. O. **Dificuldade na aprendizagem**. (Tese de pós-graduação Latu Sensu – Curso em Alfabetização). Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Rio de Janeiro. 2008.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. **Módulo: Dificuldades de Aprendizagem**. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Gestão democrática e qualidade de ensino**. In: Iº Fórum Nacional Desafio da Qualidade Total no Ensino Público. Minascentro, Belo Horizonte, 1994.

GOMES, Claudia. **Estilos de Aprendizagem e Inclusão Escolar: Uma proposta de qualificação Educacional**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, Artigo, nº 71, São Paulo. 2006.

KANT, Immanuel. **Pesquisa Bibliográfica.** Disponível em <<http://pesquisabibliografica.blogpost.com.br>>. Acessado em 16/04/2014. 1975.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** 6 ed. São Paulo, Atlas. 1992.

LIBANEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional da educação.** 3. ed. Coleção Educação. Ijuí (RS): Ed. Unijuí, p. 238. 2001.

MIRANDA M.I **Crianças com problemas de aprendizagem na Alfabetização: Contribuição da Teoria Piagetiana.** Araraquara. SP. JM Editora, 2000.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento.** In: PIAGET, J., GRÉCO, P. Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974. Título original: Apprentissageet connaissance, 1959.

_____. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central ao desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

PRADO, Danda. **O que é família.** 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos). Relação família/escola, Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Bruna da Silva. **O movimento da realidade: desafios e perspectivas na relação família/escola,** Rio de Janeiro, p. 53. 2009.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1994.

_____. **A Psicologia no Brasil: Evolução Histórica.** V Congresso Brasileiro de Psicopedagogia, São Paulo. Vetor, 2002.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.

VYGOTSKY, L.S. (1974). *A Formação Social da Mente*. 4. Ed. São Paulo: Martins.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.